

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (35.2): pp. 445-450, Jul./Dez. 2015

RESENHA

Ricardo Gessner
rigessner@yahoo.com.br

PELLEGRINI, Domingos. *Minhas lembranças de Leminski*. São Paulo: Geração Editorial, 2014

A BIOGRAFIA

Neste ano de 2014 completam-se 70 anos de nascimento de Paulo Leminski (1944 – 1989). A publicação de material inédito sobre o autor, portanto, é esperada. Dentro desse quadro, depois de alguma polêmica, veio a público a biografia romanceada *Minhas lembranças de Paulo Leminski*, de Domingos Pellegrini, publicada pela Geração Editorial.

Em 2013 houve certa celeuma em torno da publicação de biografias envolvendo personalidades como Caetano Veloso, Roberto Carlos e... Paulo Leminski. O caso de Leminski, porém, foi duplo: a celeuma abrangeu Toninho Vaz, autor da biografia *Paulo Leminski – O bandido que sabia latim*, cuja 1ª edição é de 2001, mas em 2013 haveria a publicação de uma 2ª edição, e Domingos Pellegrini, com a até então inédita obra *Passeando por Paulo Leminski*. O motivo central: no caso de Vaz, alegou-se a revelação de “detalhes sórdidos” a respeito do suicídio de Pedro Leminski, irmão do poeta, sob a justificativa de que tais detalhes não acrescentariam em nada a compreensão da obra leminskiana. Já em relação a Domingos Pellegrini,

alegou-se a ênfase do autor na relação de Leminski com o alcoolismo. Enfim, a biografia escrita por Toninho Vaz permanece esgotada e não há previsão de outra edição, mas a de Domingos Pellegrini foi recentemente publicada com o título *Minhas lembranças de Leminski*.

Trata-se de uma biografia romanceada, cheia de artifícios literários. Os mais evidentes deles são os jogos de palavras, tão afeitos ao poeta Leminski. O livro inicia com a voz retumbante de Leminski: “ego sum Paulo Leminski...”, relembrando o início de *Catatau*, com o personagem Renatus Cartesius apresentando-se num trocadilho com sua máxima *cogito ergo sum*: “ergo sum, aliás, ego sum Renatus Cartesius...”. O livro se desenvolve nesse diálogo entre a voz do autor, o “Pé Vermelho”, como Leminski chamava Domingos Pellegrini, e a voz de Leminski, o “Polaco” ou “Lele”.

A biografia segue como se fosse um diálogo: hora a voz de Domingos Pellegrini assume e relata suas lembranças sobre o seu amigo “polaco”, hora a voz de Leminski assume e contesta, critica, ironiza, polemiza, com seu amigo “pé vermelho”. Assim discutem literatura, política, casos e causos da vida... É como se Leminski estivesse realmente vivo e o leitor fosse um espectador desse diálogo/debate/conversa.

A menção ao *Catatau* não é gratuita nem se reduz a um mero artifício escritural. De certo modo, o livro de Domingos Pellegrini lembra, em sua estruturação, o de *Catatau*: quando a voz de Leminski assume a “narrativa”, a linguagem se transforma, torna-se mais articulada, cheia de trocadilhos e distorções linguísticas; mas quando a voz de Pellegrini assume, a linguagem torna-se um tanto mais sóbria. Da mesma forma, mantidas todas as proporções, em *Catatau* acontece algo parecido: quando Occam (uma personagem semiótica, como falava Leminski) aparece, a linguagem da narrativa torna-se mais torcida e embaralhada, para depois retornar à (in)constância de Renatus Cartesius.

A POLÊMICA

Domingos Pellegrini inicialmente recebeu um convite da editora Nossa Cultura para escrever uma biografia autorizada pela família. Logo no segundo capítulo, segundo as palavras do autor em entrevista à Folha de São Paulo (publicada em 16 de outubro de 2013), percebeu que “ao invés de autorizada, na verdade, seria monitorada. Isso me tiraria a paixão.

Recusei e não assinei o contrato”. Seguiu, porém, sua escrita e quando concluiu *Passeando por Paulo Leminski*, enviou para outra editora, que aceitou a publicação desde que a família autorizasse. Não obtendo êxito, disponibilizou a obra na internet, com reprodução permitida.

De outro lado, Alice Ruiz responde a Domingos Pellegrini por e-mail, que foi publicado numa sessão “extra” no livro de Pellegrini. Alice menciona certa disputa de ego entre os dois, assim como a revelação de detalhes inconvenientes como: “a ênfase no álcool, sua leitura de uma ‘precariedade’ de bens em nossa casa (você nunca ouviu falar em contracultura?), as observações exageradas sobre ‘falta de banho’, que corresponde a um período de maiores excessos, mas que foi superada, enfim tudo isso serve para criar uma imagem bem negativa do Paulo em contraponto à sua, que aparece como ‘o’ interlocutor por excelência e cheio das qualidades que supostamente ‘faltavam’ a ele”. Alice ainda reconhece algumas contribuições que a biografia escrita por Pellegrini traz: uma leitura importante do fazer poético de Leminski, o fato de iluminar aspectos da obra e ser amoroso em vários pontos; conclui dizendo que, caso Pellegrini reveja as questões por ela levantadas, autorizaria a publicação do livro.

A obra publicada pela Geração Editorial traz uma dedicatória a Alice e suas filhas: “A Alice Ruiz, Áurea e Estrela Leminski, e a Samuel Ferrari Lago, pela motivação, e ao Paulo, pelo tesão”. Diante de todas as polêmicas, salvo ironias, a dedicatória demonstra que os impasses ficaram em segundo plano ou resolvidos.

DUAS BIOGRAFIAS, UMA VIDA

Tenho em mãos as duas versões dessa biografia e posso dizer que não há muitas diferenças. A edição publicada pela Geração Editorial traz na capa um detalhe dizendo “edição ampliada”. De fato, traz passagens, parágrafos, comentários, que não constam da versão não-oficial.

Ambas as versões têm onze capítulos, mas a versão oficial possui uma sessão “extra” intitulada “Posts”, em que Pellegrini discorre sobre a polêmica com Alice, assim como responde a algumas questões levantadas por ela. Dentre elas, uma passa quase despercebida. No e-mail enviado a Pellegrini, Alice Ruiz fala “em criar uma imagem” de Leminski – no caso, segundo ela, uma imagem “negativa”. Ora, de fato criou-se uma

imagem em torno de Leminski, enquanto *persona* e *autor*, já consolidada. O poeta é bastante conhecido pela personalidade inquieta, polêmica, contraditória, além do consumo excessivo de álcool e drogas. Muito se deve a ele mesmo, devido a sua projeção nos meios de comunicação em massa: além de letrista de música popular, escreveu em jornais e revistas de grande circulação, participou de programas de televisão. Leminski também é largamente celebrado pela crítica como poeta que sintetiza aspectos eruditos e populares, com um referencial bastante amplo. E a biografia romanceada de Pellegrini reforça essa imagem, sendo que em vários momentos sugere que Leminski tinha essa preocupação: a de formar uma imagem pública.

Essa “imagem” não precisa ser, necessariamente, negativa. Antes reflete uma concepção sobre a prática poética: exemplo emblemático é uma carta a Régis Bonvicino, quando diz¹:

PARA SER POETA
TEM QUE SER MAIS QUE POETA

v. tem que ser um monte de outras coisas mais
senão daonde?
v. vai acabar fazendo literatura de literatura
v. tem que esculhambar mais
pintar mais por fora das molduras
EXISTENCIALMENTE

esculhambe-se vire-se altere dê alteração
considere a possibilidade de ir pro japão
rejeite o projeto de felicidade
que a sociedade te propõe
(...)
rompa

fique mais irregular
seja mais inco(n)veniente

é a linguagem que está a serviço da vida
não a vida a serviço da linguagem
(LEMINSKI, 1999, pp. 52-3)

¹ Leminski tem um jeito particular de escrever sua cartas: muitas delas são entrecortadas, como se estivessem em versos, sem preocupações com pontuação. A citação a seguir foi feita respeitando a disposição do autor.

A maior parte dos estudos especializados sobre a poesia de Leminski preocupou-se em verificar como ela se constitui, enfocando principalmente suas relações intertextuais. Resultado disso é a constituição de um referencial bastante eclético e abrangente, que de certo modo associa-se a *persona* Leminski. Como ele mesmo diz na carta a Bonvicino, há uma relação íntima entre vida e linguagem, sendo que a maior parte dos estudos críticos se atém a essa relação. Justifica-se o ecletismo intertextual pela *persona* leminskiana, bem como utilizam-se dados biográficos para “interpretar” seus poemas.

Arrisdo dizer que se consolidou uma 1ª Geração de estudos críticos, em que o eixo-central é justamente a verificação das principais características e articulações estéticas, cujo denominador comum é o enquadramento da poética leminskiana como *síntese* entre *erudito* e *popular*: o *erudito* se caracteriza pelo aspecto racional diante de sua poesia, seja em diálogo com movimentos que valorizam o pensamento, seja pela articulação da linguagem promovendo efeitos mais sutis e sofisticados; o *popular* se caracteriza pelas palavras simples – até mesmo próximas da coloquialidade –, o apelo aos meios de comunicação em massa, o humor. Tudo isso, num poema só, em que ora um aspecto é mais evidente, ora o outro, ora estão em equilíbrio.

Agora uma 2ª Geração começa a dar seus primeiros alentos. Diferentemente da anterior, essa 2ª geração tende a olhar mais para os efeitos de sentido e, conseqüentemente, para possibilidades de interpretação. O estudo de Elizabeth Rocha Leite, de 2012: *Leminski – o poeta da diferença* pode ser representativo de um momento de transição da 1ª para a 2ª Geração. Nele, a indagação central é verificar qual o questionamento central da poesia de Leminski e em que campo teórico ela se situa. O olhar já não é plenamente a relação intertextual, mas o estudo ainda não se fixa em propor uma interpretação ou possibilidades de efeitos de sentido oriundos da poesia leminskiana. Dentro dessa 2ª Geração, ainda não há estudos publicados em livro, mas há diversos espalhados em forma de artigos, ensaios, postagens em *blogs*.

Declarar que a biografia de Pellegrini contribui para uma imagem “negativa” de Leminski, indiretamente é fazer um juízo de valor que não corresponde a *persona* e a poesia leminskiana. Da produção poética da segunda metade do século XX, a de Leminski talvez seja a mais completa: por englobar ao mesmo tempo o *erudito* e o *popular*, ela tanto agrada ao grande público, devido a sua acessibilidade imediata, quanto pode

agradar a um leitor mais atento ou especializado, devido a articulações mais sutis. Se até o momento enfocou-se nas referências intertextuais, propor interpretações para além disso pode ser o caminho seguinte.

Por fim, encerro com uma frase de Pellegrini, retirada do último capítulo, quando fala de um suposto diálogo entre Leminski e um juiz de tribunal. Serve muito bem para descrever essas memórias romanceadas: *se não é verdadeiro, é como se fosse*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONVICINO, Régis & LEMINSKI, Paulo. *Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica*. São Paulo: Editora 34. 1999

LEITE, Elizabeth Rocha. *Leminski – O poeta da diferença*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2012

PELLEGRINI, Domingos. *Minhas lembranças de Leminski*. São Paulo: Geração Editorial, 2014.